

Orientação Pedagógica e Administrativa n.º 006/2026 - Secretaria Municipal de Educação de Umuarama - SME

A presente Orientação Administrativa e Pedagógica estabelece diretrizes para o atendimento da Educação Infantil de 0 a 3 anos da Rede Municipal de Ensino de Umuarama, orientando direção, coordenação pedagógica e docentes quanto à organização dos espaços, tempos, materiais e práticas que articulam cuidado e educação, conforme normativas nacionais e municipais vigentes.

A Secretaria Municipal de Educação de Umuarama, vem por meio desta, orientar quanto à/ao

1. Organização das turmas

A organização das turmas, anteriormente denominadas Berçário, Maternal I, Maternal II e Jardim, passa a ser identificada como Berçário, Infantil 1, Infantil 2 e Infantil 3, respectivamente, de acordo com a Instrução Normativa nº 003/2026 - SME.

2. Cuidar e educar

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, inciso IV, alterado pela Emenda Constitucional nº 53 de 19/12/2006, afirma o dever do Estado a garantia de “[...] atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade”. Esse dever é reafirmado no art. 54, inciso IV, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), modificado pela Lei nº 13.306, de 2016.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/1996), estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em articulação com a família e a comunidade.

A Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e define princípios, fundamentos e procedimentos que orientam a educação de crianças de 0 a 5 anos, contemplando a organização da proposta pedagógica, do currículo e dos processos de avaliação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), representam a partir de 2009, um marco importante de reflexões e orientações a respeito da Educação Infantil, e conceitua a criança como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa,

experimenta, narra, questiona e constrói sentimentos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

As DCNEI em seu artigo. 5º, reafirma a Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, devendo ser oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que **educam e cuidam** de crianças de 0 a 5 anos de idade (Brasil, 2009, grifo nosso).

Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil assumem um papel fundamental ao articular as dimensões do cuidar e do educar como aspectos inseparáveis. Educar envolve propiciar aos bebês e às crianças bem pequenas o acesso a conhecimentos que lhes permitam compreender e participar da realidade social e cultural, enquanto cuidar diz respeito à garantia de condições básicas de saúde, bem-estar e afeto, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

De acordo com Deheinzelin, et al. 2018, p. 54:

Cuidar é muito mais do que simplesmente atender às necessidades físicas básicas das crianças: não se refere apenas a alimentar, trocar fraldas ou garantir seu repouso quando necessário. As ações de educar não podem ser relacionadas exclusivamente às atividades intelectuais ou de aproximação do conhecimento socialmente construído (Deheinzelin, et al. 2018, p. 54).

De acordo com Kramer (2005, p. 82), o cuidado fundamenta-se nas necessidades do outro, exigindo de quem cuida uma postura que transcenda o foco em si mesmo, marcada pela receptividade, abertura e sensibilidade para reconhecer aquilo de que o outro necessita. Sob essa perspectiva, o ato de cuidar implica a construção de um conhecimento relacional sobre o outro, o que só se efetiva **mediante tempo, proximidade e envolvimento** (Kramer, 2005, p. 82, grifo nosso).

Nessa perspectiva, ao acolher os bebês e as crianças bem pequenas na unidade educacional, asseguramos cuidados básicos indispensáveis a uma vida saudável e, simultaneamente, possibilitamos experiências educativas que ampliam a compreensão da realidade, contribuindo para o desenvolvimento integral dos bebês e das crianças bem pequenas, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Dessa forma, cabe ao(a) professor(a) de Educação Infantil, ao articular práticas de cuidado e educação, estabelecer relações afetivas e significativas com bebês e crianças bem pequenas, mediando experiências que favoreçam seu desenvolvimento integral e a construção de aprendizagens significativas. Nessa perspectiva, o ato de cuidar e educar configura-se como uma prática relacional, em que o(a) professor(a) atua com responsabilidade ética, sensibilidade e compromisso com o outro, reconhecendo-o como sujeito em desenvolvimento.

Portanto, destacamos a intencionalidade pedagógica como aspecto fundamental nas ações de cuidado e educação com bebês e crianças bem pequenas. “O professor e a professora dos bebês e das crianças pequeninas são seus parceiros fundamentais tanto no cuidado como na educação. [...] uma vez que QUEM CUIDA EDUCA E QUEM EDUCA CUIDA” (Mello, 2018 p. 214, grifo do autor).

Essa perspectiva evidencia que o papel do(a) professor(a) de Educação Infantil integra, de maneira indissociável, as dimensões do cuidado e educação. Dessa forma, ao pensar, planejar, organizar e realizar suas práticas pedagógicas, o(a) professor(a) deve estabelecer relações afetivas significativas com bebês e crianças bem pequenas, possibilitando experiências que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento integral. Desse modo, a integração entre cuidado e educação reafirma o compromisso da Educação Infantil com o desenvolvimento humano integral.

Destaca-se que, na construção de vínculos afetivos, o tom de voz do(a) professor(a) assume papel essencial, pois a forma como ele(a) se comunica com os bebês e as crianças bem pequenas, com calma, ternura e sensibilidade, transmite segurança, acolhimento e respeito, elementos fundamentais para o desenvolvimento emocional e social. Portanto, o uso de uma entonação tranquila e afetuosa favorece a escuta atenta, a comunicação significativa e o fortalecimento das relações de confiança, aspectos que sustentam a aprendizagem e o desenvolvimento integral na primeira infância.

Em 20 de dezembro de 2017, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que determina os direitos e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, orientando os estados e os municípios na elaboração de seus currículos, visando assegurar a igualdade, diversidade e equidade no sistema educacional, contribuindo para a formação integral do sujeito.

Os direitos de aprendizagem devem ser garantidos nas diversas situações que compõem a rotina educacional, proporcionando aos bebês e às crianças bem pequenas experiências e vivências significativas. Nesse contexto, ao compreendermos o **cuidar** e o **educar** como ações indissociáveis, promovemos o alcance dos direitos de aprendizagem previstos na BNCC (2017): **conviver** de forma respeitosa e colaborativa; **expressar-se** como sujeitos criativos e sensíveis; **explorar** e **brincar** em diferentes momentos do cotidiano; **participar** ativamente da construção da identidade pessoal, social e cultural; e **conhecer-se**, desenvolvendo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento. Assim, a integração entre cuidado e educação reafirma o compromisso da Educação Infantil com o desenvolvimento humano integral.

A BNCC, em consonância com as DCNEI traz as **interações e a brincadeira como eixos estruturantes** das práticas pedagógicas da Educação Infantil, pelos quais bebês e “[...] crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (Brasil, 2018, p. 35).

Destacamos a importância de planejar e organizar os espaços e os tempos de forma intencional, favorecendo as interações, as brincadeiras e as múltiplas formas de expressão das crianças. As brincadeiras, enquanto eixo estruturante das práticas na Educação Infantil, devem perpassar todos os Campos de experiências, contemplando as dimensões corporal, afetiva, cognitiva, social e simbólica, de modo a promover vivências significativas que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças.

Sendo assim, as interações e as brincadeiras assumem papel essencial, pois expressam a maneira

como as crianças aprendem, se desenvolvem e se relacionam com o mundo. Considerá-las como eixos centrais das práticas pedagógicas na Educação Infantil é reconhecer que a infância possui modos próprios de conhecer, sentir e atribuir sentido às experiências. É por meio das interações e das brincadeiras que as crianças exploram, experimentam, observam, questionam e constroem hipóteses sobre o meio em que estão inseridas, vivenciando aprendizagens que enriquecem seu desenvolvimento e fortalecem sua relação com a cultura e com o outro.

2. Acolhida

A acolhida dos bebês e das crianças bem pequenas é um momento especial que deve ser marcado por afeto, conversas, escuta atenta, sutileza e empatia, e é nesse momento que se estabelece a construção de vínculos afetivos entre professores e crianças e também, entre professores e família.

Conforme Rinaldi (2002), o ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão, pois a escola ou a creche é antes de mais nada, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de **criar uma cultura**. É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações (Rinaldi, 2002, p. 77, grifo nosso).

Para acolher e receber os bebês e as crianças bem pequenas, diariamente, no início do período, destacamos a necessidade da organização intencional da sala de referência e/ou espaço onde são recebidos, de forma convidativa e segura, disponibilizando materiais, objetos e brinquedos para manipulação, exploração e interação entre bebês, crianças e adultos.

Além disso, salientamos a importância de organizar e listar os materiais, objetos e brinquedos disponíveis na unidade educacional, assegurando variedade de materialidades e experiências a serem ofertadas aos bebês e às crianças durante o momento de acolhida.

3. Higienização

Os momentos de cuidado corporal devem ser respeitados e compreendidos como oportunidades de atenção individualizada, nas quais, enquanto adultos, nos aproximamos dos bebês e das crianças bem pequenas, respondendo às suas necessidades de forma sensível, fortalecendo vínculos afetivos e promovendo segurança emocional. Atividades como o banho, a troca de fraldas, o desfralde, o controle dos esfíncteres e a lavagem das mãos constituem momentos privilegiados para favorecer o conhecimento de si, o desenvolvimento do autocuidado, da autonomia e a compreensão de aspectos culturais.

3.1. Banho

O banho para bebês e crianças bem pequenas é um momento prazeroso e delicado, onde o adulto

se aproxima de seu modo de ser. Durante o banho há um contato próximo consigo mesmo e com o outro, devendo-se respeitar e preservar a intimidade do bebê/criança.

É preciso, então, considerar que tiramos a roupa do bebê e depois do banho colocamos novamente, que há imersão em um outro meio (a água), com textura, temperatura, gosto bem diferente do que, por exemplo, engatinhar vestido pela sala de chão liso, sentar na terra ou na grama sob a sombra das árvores, brincar na areia. A criança toma banho, um adulto dá o banho. Para fazer a mediação nesse momento de intimidade, brinquedos podem ser bem-vindos - objetos que boiam e que afundam, potinhos para fazer transvasamento, livros que podem molhar, lápis para desenhar nos azulejos, há recursos simples e outros sofisticados. O importante é observar, respeitar e compreender as ações da criança – no banho ou em qualquer outra circunstância (Deheinzelin, et al. 2018, p. 50).

Desse modo, destacamos que o banho é um momento essencial de cuidado e bem-estar para os bebês e as crianças bem pequenas. Deve ser realizado sempre que necessário, especialmente após as vivências em que brincam intensamente, suam ou se sujam. Também é indispensável em situações de escape de urina, pois não é adequado apenas trocar a roupa da criança sem higienizá-la devidamente. Garantir o banho nessas circunstâncias assegura conforto, saúde, higiene e respeito à dignidade do bebê e da criança.

Salientamos ainda, que esse momento inclui conversas agradáveis com o bebê/criança, olhar nos seus olhos, chamá-lo(a) pelo nome, cantar músicas e propor brincadeiras. É igualmente importante informar ao bebê/criança sobre o que está acontecendo, nomear as partes do seu corpo ao tocá-lo(a) com cuidado, respeitando seu ritmo e limites, fortalecendo assim, o vínculo afetivo e a segurança emocional.

Observações:

- É preciso higienizar a banheira/cuba com água corrente e desinfectá-la com álcool 70%.
- Ao finalizar o banho, deixar a banheira/cuba limpa, para o banho do próximo bebê/criança.
- Nunca utilizar sabonete, xampu, esponja, toalha de um bebê/criança em outro(a).
- Os itens utilizados para a higienização devem ser nominados e armazenados em local seguro.
- Após o banho, as toalhas deverão ser penduradas em ganchos específicos para secar.

3.2. Troca de fralda

O momento da troca de fralda é especial e deve ser acompanhado de diálogo, carinho e brincadeiras, assim, enquanto se troca o bebê/criança é importante conversar e explicar sobre o que está acontecendo.

Ressaltamos que a troca de fralda nunca deve ser adiada, o bebê/criança precisa ser trocado(a) sempre de acordo com a sua necessidade.

Após a troca, imediatamente a fralda suja deverá ser colocada na lixeira, sendo necessário esvaziar a lixeira várias vezes ao dia, para evitar o odor desagradável e o risco de contaminação.

Observações:

- O trocador deve ser limpo e desinfetado (usar álcool 70%) para realizar as trocas de fraldas/roupas das crianças.
- Fazer sempre a higienização após a última troca, deixando o trocador limpo e preparado para a próxima bebê/criança.
- O trocador deve estar no banheiro e nenhum bebê/criança poderá ser trocado(a) no chão, sobre o tatame ou colchonete na sala de referência.
- Se possível fazer uso de luvas para realizar a troca de fraldas.

3.3. Desfralde

O desfralde representa uma conquista significativa para a criança, constituindo-se como um momento de descobertas no qual ela passa a reconhecer sua própria capacidade de controle.

É importante destacar que cada criança vivencia o processo de desfralde em seu próprio ritmo, o qual deve ser iniciado apenas quando ela apresenta sinais de prontidão. Na literatura técnica e científica, esse processo é denominado treinamento esfíncteriano, sendo considerado um marco relevante no desenvolvimento infantil (Sobest, 2021, p. 5).

Os marcos do desenvolvimento correspondem a sinais, características, ações e comportamentos esperados do bebê ou da criança em cada faixa etária. Esses marcos abrangem aspectos neurológicos, psicológicos e motores, como engatinhar, rolar, andar e segurar objetos, e permitem aos profissionais acompanhar e avaliar o processo de desenvolvimento infantil.

De acordo com as diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), a média de idade para a finalização do desfralde diurno situa-se entre 36 e 39 meses, isto é, entre três anos e três meses. Ressalta-se, contudo, que essa é apenas uma média, podendo o processo ocorrer antes ou depois desse período (Sobest, 2021, p. 5).

Segundo os especialistas, o primeiro sinal de desfralde começa quando a criança passa a se sentir incomodada por estar molhada de xixi ou suja de cocô e começa a verbalizar isso, porém existem sinais importantes (Unimed, 2019; 2025).

- A criança faz cocô em horários mais ou menos determinados.
- Faz movimentos que indicam que está evacuando, como ficar parada num canto, abaixa ou se esconde dos adultos.
- Fica um intervalo de três a quatro horas seca (demonstrando que já há um treinamento da bexiga para segurar a urina).
- Faz uma grande quantidade de xixi de uma só vez.

- Já identifica o xixi e o cocô, e até fala quando fez um ou outro na fralda.
- Já sabe que a ida ao banheiro está vinculada à higiene pessoal, como fazer xixi, cocô, lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho.
- Consegue ficar sentada em uma única posição em um intervalo de 2 a 5 minutos.
- Consegue abaixar e levantar a calcinha ou a cueca e a calça.
- Mostra interesse em sentar no vaso sanitário, mesmo que por brincadeira.

Dessa forma, compreendemos que o processo de desfralde deve ocorrer em corresponsabilidade entre a unidade educacional e a família, garantindo um acompanhamento acolhedor e respeitoso. Esse cuidado conjunto é essencial para assegurar o acolhimento emocional da criança, respeitar o ritmo individual de cada uma e minimizar possíveis frustrações, tornando essa etapa uma vivência positiva e segura em seu desenvolvimento.

3.4. Higienização das mãos

Na turma de Berçário, é essencial que as mãos dos bebês sejam lavadas com frequência, considerando que, nessa fase, eles têm o hábito de levá-las constantemente à boca.

Nas turmas de Infantil 1, 2 e 3 a lavagem das mãos deve ocorrer após o uso do banheiro, antes das refeições, depois das brincadeiras e sempre que se fizer necessário.

Ressaltamos, ainda, que a higienização das mãos deve ser realizada várias vezes ao dia e, após a lavagem, cada bebê/criança deve utilizar a sua própria toalha para secagem, garantindo assim maior cuidado e prevenção de doenças.

3.5. Higienização do nariz

Salientamos a importância de uma atenção especial à higienização do nariz de bebês e crianças bem pequenas, uma vez que, ao assoá-lo, ocorre a eliminação de germes. Para essa prática, recomenda-se o uso de lenço de papel ou papel higiênico, que deve ser descartado imediatamente na lixeira. Ressaltamos, ainda, a necessidade de evitar que o bebê ou a criança utilize a própria roupa para limpar o nariz, devendo sempre ser orientados e auxiliados de forma higiênica e segura.

3.6. Higienização bucal

Ensinar hábitos de higiene bucal desde os primeiros anos contribui para a formação de uma rotina saudável que acompanhará a criança ao longo da vida. Nesse sentido, é fundamental organizar momentos de higienização bucal nas unidades educacionais, oferecendo orientações e ações adequadas às

especificidades de cada faixa etária, articulando cuidado, aprendizado e autonomia infantil.

Esses momentos devem ser estruturados como experiências significativas e agradáveis, pode-se criar enredos lúdicos com músicas, canções, contar histórias com fantoches ou outros recursos pedagógicos, de modo a estimular o interesse e a motivação das crianças na construção do hábito de escovar os dentes.

Observações:

- Deve-se limpar a região ao redor da boca dos bebês e crianças após as refeições.
- Nas turmas de Infantil 2 e 3, deve-se realizar a escovação dos dentes, utilizando uma quantidade mínima de creme dental na escova, de acordo com as recomendações de profissionais de saúde bucal.
- Deve-se evitar que uma criança utilize a escova dental de outra criança, devido ao risco de contaminação, e substituí-la de imediato, caso isso ocorra.
- Após a escovação de dentes, guardar as escovas de forma individualizada, protegendo-as.

4. Descanso

O momento de descanso nas turmas parciais, deve ser oferecido aos bebês e às crianças que realmente apresentarem necessidade, respeitando a individualidade de cada um(a). Não se deve fechar janelas ou cortinas. O bebê ou a criança que manifestar sono deverá ser acolhido(a) com um colchonete/cama empilhável em local confortável, garantindo tranquilidade neste período de repouso, enquanto os(as) demais continuam em suas atividades.

Enfatizamos que não se deve contemplar na rotina diária um momento fixo de descanso para todos os bebês ou crianças bem pequenas, considerando que frequentam a unidade em turno parcial. É importante destacar que, em qualquer momento do período, o bebê ou a criança poderá demonstrar essa necessidade e deverá ser atendido(a).

O momento de descanso nas turmas integrais deve ocorrer ao final do período da manhã, oferecendo aos bebês e às crianças um descanso de aproximadamente 40(quarenta) minutos a 1(uma) hora e 30(trinta) minutos, de forma a garantir o descanso à eles e também experiências de descobertas, exploração e aprendizagem, nos períodos da manhã e da tarde.

Sendo assim, destacamos que independente do horário de alimentação das crianças no período da manhã, o momento de descanso deve ser organizado de forma a evitar períodos excessivamente longos, como, por exemplo, um repouso de 2(duas) horas. Períodos prolongados de descanso podem reduzir o tempo destinado às experiências planejadas para os turnos da manhã e da tarde, sendo que o período vespertino inicia-se às 13 horas.

Observação:

- Salientamos a necessidade do(a) professor(a) permanecer atento aos bebês e às crianças, garantindo à eles(as) um momento de descanso tranquilo e seguro.

5. Alimentação

De acordo com Deheinzelin (2018), os sabores, assim como os cheiros, despertam em nós a sensação de pertencimento, sensação essa que constitui uma base essencial para construção de conhecimentos.

Para a autora, comer envolve os cinco sentidos e também o coração:

Comer com afeto – é preciso confiança no que se come e em quem nos dá o alimento. Aprender a comer com gosto é um ato cotidiano que se constrói, com grande valor para a exploração e a manipulação dos alimentos, assim como para realizar algumas preparações simples.

A comida como experiência, a aprendizagem sensorial – nenhuma criança consome os alimentos sem que a experiência de comer seja mediada por alguma sensação ou emoção. A alimentação envolve uma aprendizagem tanto sensorial como emocional, e vai configurando uma dimensão social. Desse modo, uma educação alimentar é revelada por meninos e meninas.

Cor – explorar a cor é provocar o gosto, impactar a relação com a comida e o poder sensorial das crianças.

Cheiro – uma experiência sensorial é uma presença poderosa na memória.

Sabor – a criança amplia seu conhecimento a partir das sensações que provocam os alimentos que experimenta.

Textura – a exploração dos alimentos agudiza o sentido do tato por intermédio do jogo com a língua e com a pele.

Mistura – a inspiração vem das mãos mesclando ingredientes, possibilitando transformar sua aparência, aroma, sabor, textura e cor (Deheinzelin, et al. 2018, p. 56-57, grifo nosso).

Nesse sentido, podemos afirmar que o cheiro e o gosto dos alimentos podem nos remeter a muitas sensações e nos momentos das refeições há encontros, construção de memórias afetivas e a inserção de nossa cultura e também, de outras. Segundo Deheinzelin (2018), sentir e experimentar alimentos típicos da região constitui uma experiência significativa na trajetória da Educação Infantil, pois possibilita recuperar e transmitir tradições às novas gerações (Deheinzelin et al. 2018, p. 57).

Sendo assim, é fundamental compreender as diferentes aprendizagens que ocorrem durante o momento da alimentação como o uso dos talheres, as relações afetivas nas interações entre adultos e crianças, entre crianças e seus pares e com o próprio alimento. Além disso, é importante incentivar a exploração de novos sabores, favorecendo a construção de hábitos alimentares saudáveis e prazerosos.

Esse período do desenvolvimento humano é marcado pelo amadurecimento das habilidades motoras, da linguagem e das habilidades sociais relacionadas à alimentação e as crianças ainda dependem do cuidado, da orientação e da mediação dos adultos para receber uma alimentação adequada e equilibrada.

Desse modo, as vivências oferecidas nesse período têm papel fundamental, pois ajudam a formar atitudes e comportamentos que podem acompanhar a criança por toda a vida, favorecendo a construção de hábitos saudáveis e de uma relação positiva com os alimentos. Por isso, a promoção de práticas alimentares adequadas requer a articulação de ações nos âmbitos familiar e educacional, de modo a

assegurar condições favoráveis ao desenvolvimento integral da criança (Ministério da Educação, 2012).

Nesse sentido, é fundamental refletir sobre a organização dos momentos de alimentação nas unidades educacionais que atendem à Educação Infantil, reconhecendo-os como oportunidades ricas de aprendizagem, de promoção da saúde e de formação social e cultural. Cabe, portanto, aos professores planejar esses momentos de forma intencional e sensível, possibilitando aos bebês e às crianças vivências significativas com os alimentos, a interação com os pares e com os adultos, e a construção de experiências que integrem os aspectos sensoriais, afetivos, cognitivos e culturais do ato de se alimentar.

Portanto, no momento de alimentação, o(a) professor(a) também alimenta vínculos, saberes e afetos, elementos fundamentais para o desenvolvimento integral da criança.

5.1. Refeitório

As práticas alimentares nos primeiros anos de vida constituem um marco fundamental na formação dos hábitos de alimentação dos bebês e das crianças, sendo essencial oferecer-lhes a oportunidade de experimentar uma variedade de alimentos, de modo que possam identificar e assimilar diferentes sabores, texturas, odores e cores.

Para que essas experiências sejam realmente significativas e promovam aprendizagens sensoriais, afetivas e culturais, é fundamental que as refeições nas unidades educacionais sejam planejadas e organizadas com cuidado e intencionalidade pedagógica.

Nesse sentido, destacamos que no refeitório deve haver um cartaz com o cardápio das refeições servidas na unidade educacional. Esse cartaz deve ser confeccionado com imagens reais dos alimentos, pois, ao visualizar o que será servido, os bebês e as crianças antecipam o momento da refeição, desenvolvendo noções de rotina, previsibilidade e autonomia. Além disso, essa prática estimula o diálogo sobre a alimentação saudável e favorece a identificação das características dos alimentos servidos.

As refeições nas unidades educacionais devem ser realizadas no refeitório, observando-se as seguintes orientações:

- Higienizar os cadeirões, mesas, bancos e cadeiras para as refeições;
- Lavar as mãos dos bebês e das crianças bem pequenas antes das refeições;
- Organizar os bebês e as crianças, em pequenos grupos, quando necessário;
- Alimentar os bebês e as crianças que ainda não conseguem comer sozinhos(as), estando sempre no campo de visão dele(as);
- Os bebês e as crianças que já se alimentam sozinhos(as) devem ser acompanhados(as) pelos professores, permanecendo sempre em seu campo de visão.

- Os alimentos devem ser servidos utilizando cumbucas, pratos, copos e talheres individuais;
- Ofertar e estimular que os bebês e as crianças bem pequenas provem todos os alimentos que constam no cardápio;
- Realizar a higienização bucal dos bebês e das crianças após serem alimentados(as).

Dessa forma, o ato de alimentar-se deve favorecer a progressiva autonomia dos bebês e das crianças bem pequenas na aceitação e na escolha dos alimentos. O apoio dos adultos é especialmente necessário para os bebês e crianças bem pequenas, que ainda dependem de auxílio para realizar a refeição. Ao alimentá-los(as) é fundamental que os professores nomeiem corretamente cada alimento/refeição, evitando termos genéricos ou diminutivos como por exemplo, “mama”, no lugar de “mamadeira”, “saladinha” no lugar de “tomate”, “papar”, no lugar de “almoçar”, entre outros. E é imprescindível que os bebês e as crianças tenham TEMPO para se alimentarem com calma, respeitando o ritmo de cada um(a).

Destacamos que as refeições não devem ser servidas com antecedência, garantindo que os alimentos cheguem à mesa na temperatura adequada e livres de insetos. Os alimentos devem ser servidos em pratos ou cumbucas, NUNCA diretamente sobre a mesa, assegurando respeito, higiene, segurança e organização durante o momento da refeição.

Salientamos que, durante a alimentação dos bebês e das crianças bem pequenas, é inevitável que alguns alimentos caiam no chão, pois este é um momento de descoberta, exploração, aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, a equipe de limpeza deve estar ciente de que isso ocorrerá e compreender a importância de sua atuação para manter um ambiente limpo e saudável.

Além disso, é fundamental proporcionar momentos em que as cozinheiras da unidade educacional possam conversar com os bebês e as crianças sobre os alimentos e refeições preparados e servidos. Esse contato direto constitui uma oportunidade significativa para que os bebês e as crianças recebam informações de quem manipula os alimentos, sejam estimulados(as) a experimentar os diferentes itens do cardápio e passem a valorizar o trabalho de todos os profissionais envolvidos na alimentação escolar.

6. Organização dos espaços da unidade educacional

Os espaços da unidade educacional podem tanto estimular quanto limitar experiências e vivências dos bebês e das crianças.

De acordo com Mello (2006, p. 200),

O papel essencial do adulto está em criar um espaço rico e provocador de experiências, em enriquecer a atividade das crianças, em acompanhar o seu processo de desenvolvimento criando sempre vivências e experiências, mas nunca engessando ou substituindo a experiência da criança. O adulto é um criador de mediações entre o mundo da cultura e a criança e, como tal, não pode substituí-la nesse acesso ao mundo de que a criança precisa se apropriar (Mello, 2006, p. 200).

Nessa compreensão, a forma como os professores planejam e organizam os espaços com intencionalidade pedagógica possibilita aos bebês e às crianças bem pequenas o acesso ao conhecimento cultural historicamente construído pela humanidade. Assim, o planejamento intencional cria condições para que as experiências diárias se tornem significativas, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Portanto, é fundamental planejar e organizar os espaços da unidade educacional considerando as especificidades de cada faixa etária e as necessidades de cada bebê/criança. Sempre que possível, é importante incluir os bebês e as crianças na organização desses espaços, ou seja, na ambientação, pois, nessas manifestações, eles expressam seus desejos e preferências e, principalmente, sentem-se participantes do processo e pertencentes ao ambiente.

6.1. Espaços externos

Os espaços externos das unidades de Educação Infantil, quando planejados e organizados com um olhar atento e sensível, tornam-se contextos fundamentais para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, social e cultural dos bebês e das crianças bem pequenas. São ambientes privilegiados para a exploração, a descoberta e a ampliação das experiências infantis. Neles, ampliam-se as possibilidades de experimentação, permitindo que bebês e crianças estabeleçam relações significativas com a natureza, com os objetos, com os materiais, com seus pares, com os adultos e com crianças de outras faixas etárias.

Desse modo, as vivências proporcionadas nos diferentes espaços externos da unidade educacional favorecem descobertas espontâneas e possibilitam experiências sensoriais, motoras e cognitivas profundamente significativas. O contato com o ambiente natural desperta a curiosidade e o encantamento, favorece o desenvolvimento da autonomia e fortalece o vínculo das crianças com o meio ambiente, despertando nelas o sentimento de pertencimento, respeito, cuidado e preservação da natureza. Além disso, a interação com os elementos culturais e sociais presentes nesses espaços amplia o repertório infantil, contribuindo para uma compreensão mais ampla, crítica e contextualizada do mundo que as cerca.

Portanto, é essencial um olhar sensível e cuidadoso no planejamento e na organização dos espaços externos da unidade educacional, de modo a torná-los ambientes potentes para a experimentação, a exploração, a criatividade e a construção coletiva de conhecimentos, lugares onde bebês, crianças e adultos interajam entre si e com o ambiente de forma significativa e prazerosa.

6.1.1 Solário

É essencial que sejam planejadas diariamente vivências no solário, oferecendo aos bebês e às crianças bem pequenas momentos de interação, exploração e contato com a luz solar. Essas experiências devem ocorrer de forma segura, moderada e supervisionada, garantindo o bem-estar das crianças e favorecendo o desenvolvimento físico, sensorial e socioemocional.

6.1.2 Parque de areia/gramado

É fundamental proporcionar aos bebês e às crianças bem pequenas vivências no parque de areia e no gramado, disponibilizando materiais e brinquedos diversos que possibilitem a manipulação, a exploração e o agrupamento. Nesses espaços, os bebês e as crianças interagem entre si e com elementos naturais, como a areia, a grama, o vento e o sol, vivenciando novas sensações, descobrindo possibilidades, enfrentando desafios e ampliando suas interações com o ambiente ao redor.

Observação:

- Ressaltamos que essas vivências devem ser planejadas, organizadas e acompanhadas de forma a garantir a segurança e o bem-estar dos bebês e das crianças bem pequenas.

6.2. Espaços internos

Os espaços internos das unidades de Educação Infantil devem ser planejados e organizados com intencionalidade pedagógica, possibilitando aos bebês e às crianças bem pequenas, o deslocamento, a movimentação, a interação e a acessibilidade aos objetos, materiais e brinquedos.

6.2.1. Paredes

As paredes da unidade educacional devem refletir a concepção de infância e de criança adotada pela Rede Municipal de Ensino de Umuarama, valorizando as descobertas, as manifestações e as experiências dos bebês e das crianças, ou seja, elas devem expressar o processo de aprendizagem e as vivências que os bebês e as crianças desenvolvem no cotidiano da unidade.

De acordo com Malaguzzi (1999), em toda a unidade educacional, as paredes devem ser usadas como espaços para exibições temporárias e permanentes do que **as crianças** e os professores criaram, pois as paredes falam e documentam (Malaguzzi, 1999, p. 73, grifo nosso).

E ainda, segundo o autor, as crianças possuem “cem linguagens”, ou seja, múltiplas formas de expressar seus pensamentos, sentimentos e criatividade, seja por meio da fala, do movimento, do desenho, da música ou de outras manifestações simbólicas (Malaguzzi, 1999, p. 5).

Nessa perspectiva, destacamos que a ambientação dos espaços não se deve basear em decorações prontas ou estereotipadas. É necessário ressignificar o conceito de estética, compreendendo que o belo não se restringe às produções elaboradas pelos adultos, mas se revela também nas criações infantis, em seus traços, cores, composições e experimentações. Valorizar esses fazeres significa reconhecer as expressões das crianças como legítimas manifestações de seus processos de aprendizagem, sensibilidade e desenvolvimento.

Sendo assim, a estética não deve ser entendida apenas como o resultado final de uma produção perfeita, mas como o valor que emerge do processo criativo e da experimentação infantil. Cada traço, gesto

ou composição é uma manifestação significativa do pensamento, da imaginação e da aprendizagem dos bebês e das crianças. Portanto, reconhecer e valorizar esses fazeres é fundamental para que os espaços educacionais promovam experiências autênticas, onde o belo se constrói a partir da autoria e do protagonismo infantil.

Outro aspecto relevante a ser considerado na composição das paredes, tanto nos espaços internos quanto externos, é garantir que cartazes, painéis, varais e demais produções estejam acessíveis à altura dos olhos e ao alcance das mãos dos bebês e das crianças bem pequenas. Essa organização possibilita que os bebês e as crianças observem, toquem e interajam com suas próprias produções e com as dos colegas de forma autônoma, promovendo descobertas, estimulando a curiosidade e o sentimento de pertencimento, e valorizando suas experiências e aprendizagens.

Salientamos a importância do equilíbrio visual na composição das paredes da unidade educacional, bem como, da renovação periódica das produções dos bebês e das crianças, possibilitando diversas percepções e formas de apreciação ao longo do ano letivo.

Observação:

- As produções dos bebês e das crianças, como pinturas, colagens de elementos naturais, fotos, entre outras, após a exposição, podem ser reaproveitadas em novas propostas como por exemplo, fotos utilizadas em painéis podem ser recortadas e transformadas em um jogo de quebra-cabeça.

6.2.2. Corredores

Os corredores da unidade educacional podem ser transformados em espaços convidativos para os bebês e crianças bem pequenas, evidenciando a Educação Infantil. Dessa forma, os corredores podem ser organizados com livros, tecidos pendurados, móveis confeccionados com diferentes materiais, varais/painéis com produções dos bebês e das crianças, entre outros elementos que estimulem a curiosidade, a exploração e a apreciação.

6.2.3. Sala de referência

O termo “sala de referência” é uma construção pedagógica baseada nas DCNEI (2009) e consolidada na BNCC (2017), para designar o espaço principal de permanência, convivência e aprendizagem dos bebês e das crianças na Educação Infantil. A sala de referência é o espaço principal de permanência do grupo, porém as interações e brincadeiras devem ocorrer em todos os espaços da unidade educacional.

Destacamos a importância de organizar o mobiliário da sala de referência de modo a garantir espaços amplos, seguros e acolhedores, que favoreçam o deslocamento e a livre movimentação dos bebês e das crianças em suas explorações e descobertas diárias.

Ambientar a sala de referência não significa decorá-la com cartazes estereotipados ou com produções exclusivas do adulto, mas sim, valorizá-la com elementos que tornem o espaço um lugar de

exploração, aprendizagem, expressão e protagonismo infantil.

Nesse sentido, enfatizamos a necessidade de ambientar a sala de referência com a participação dos bebês e das crianças, pois a composição da sala faz mais sentido quando é construída a partir das experiências que são propostas a eles(as), resultando em painéis, cartazes, móveis e outros elementos que passam a compor o ambiente educativo.

Dessa forma, orientamos que na sala de referência deverá conter:

- **Chamada com foto**

Cartaz, móvel ou outro recurso visual utilizado para realizar, diariamente, a chamada dos bebês e das crianças, favorecendo o reconhecimento da própria imagem e a participação no grupo.

- **Cartaz com foto da rotina dos bebês/crianças**

Cartaz, varal ou outro recurso visual que contenha fotos dos bebês e das crianças em diferentes momentos da rotina na unidade educacional, possibilitando que visualizem e compreendam as ações que serão realizadas ao longo do dia.

Esse recurso desempenha um papel fundamental na organização e previsibilidade das atividades diárias, favorecendo a segurança emocional e a autonomia das crianças. Ao reconhecerem, por meio das imagens, a sequência dos acontecimentos, os bebês e as crianças desenvolvem a noção de temporalidade, compreendendo a alternância entre as ações e antecipando o que virá a seguir. Além disso, o cartaz contribui para o fortalecimento do vínculo com o grupo, uma vez que valoriza as experiências cotidianas e as torna visíveis, promovendo o sentimento de pertencimento e identidade no contexto escolar.

- **Cartaz do tempo**

Cartaz ou outro recurso pedagógico destinado a registrar, junto com os bebês e as crianças, as observações diárias sobre as condições do tempo, promovendo a percepção e a linguagem sobre o ambiente. Ressalta-se que a utilização do cartaz do tempo não substitui a importância de proporcionar momentos em que os bebês e as crianças possam realizar, de forma direta, a observação do tempo e de suas variações.

Observação:

- Apresentar fotos reais que representam as diferentes condições climáticas, como dias ensolarados, nublados e chuvosos, de modo a favorecer a identificação e a compreensão desses fenômenos pelos bebês e crianças.

- **Cantinho de leitura**

Organizar esse espaço com livros confeccionados em diferentes materiais, como tecido, plástico (de banho) e papel cartonado, bem como, com portadores de diversos gêneros textuais, como fábulas, contos, parlendas, quadrinhas, poemas e canções de ninar. Esse espaço possibilita aos bebês e às crianças bem

pequenas a livre manipulação e exploração dos livros, favorecendo o desenvolvimento da curiosidade, da imaginação, da linguagem oral e do comportamento leitor.

Mais do que um local para o manuseio de livros, o Cantinho da Leitura constitui-se como um ambiente de descobertas e significações, no qual os bebês e as crianças têm a oportunidade de vivenciar experiências literárias que ampliam seu repertório cultural e expressivo. Assim, esse espaço deve ser fixo na sala de referência, identificado com o nome “Cantinho da Leitura”, e com os materiais organizados e acessíveis, garantindo que todos os bebês e crianças possam usufruir dele de forma autônoma e cotidiana.

- **Espelho**

O espelho constitui um importante instrumento no processo de socialização e no desenvolvimento do conhecimento da própria imagem corporal. Ao se ver refletido, o bebê e a criança bem pequena começam a se reconhecer como indivíduos, favorecendo a construção da identidade e a percepção de si em relação ao outro. Por isso, o espelho deve ser um recurso fixo na sala de referência.

Ressalta-se que não devem ser colocados objetos, brinquedos, cartazes ou qualquer outro item no espelho, pois isso impede que os bebês e as crianças se vejam livremente. O espelho deve permanecer desobstruído, permitindo que cada bebê/criança se veja refletido(a) e também observe os colegas, promovendo a interação e a exploração da imagem corporal de maneira contínua.

- **Móbiles para turmas de Berçário**

Os móbiles são recursos pedagógicos fundamentais para o estímulo sensorial e cognitivo de bebês, integrando-se à rotina da sala de referência como elementos que encantam, despertam a curiosidade e contribuem para o desenvolvimento integral.

Eles podem ser confeccionados com diferentes materiais, formas, cores, texturas, sons e aromas, possibilitando a exploração visual, tátil, auditiva e olfativa, além de favorecer o desenvolvimento da atenção e da coordenação visomotora.

Observações:

- É imprescindível certificar-se de que todos os materiais utilizados nos móbiles sejam seguros, leves e resistentes, adequados à faixa etária dos bebês.
- Nas turmas de Infantil 1, 2 e 3, o móbil pode ser utilizado como recurso para exposição “suspensa” de fotos e produções das crianças, possibilitando a apreciação em outras perspectivas além de painéis/cartazes fixados nas paredes.

- **Varais das produções**

Os varais são recursos pedagógicos simples e significativos que contribuem para a valorização das produções infantis e para o desenvolvimento da autonomia das crianças. Ao expor seus trabalhos em um espaço acessível, as crianças podem reconhecer-se como autoras, apreciar as produções dos colegas e

participar ativamente da organização do ambiente.

Destacamos que os varais devem ser instalados à altura das crianças, permitindo que elas pendurem, observem, retirem e reorganizem suas próprias produções de forma independente. Essa prática favorece a coordenação motora fina, a percepção espacial, a autoconfiança e o sentimento de pertencimento, além de contribuir para o desenvolvimento da responsabilidade e do cuidado com os materiais e com o trabalho dos outros.

Os varais podem ser confeccionados com barbante, cordões ou fios de nylon, fixados de maneira segura nas paredes ou suportes da sala de referência. Devem ser utilizados prendedores leves, seguros e adequados ao manuseio das crianças. É importante mantê-los em locais visíveis e bem organizados, de modo que o ambiente se torne acolhedor, estético e comunicativo, promovendo um espaço educativo que respeita e valoriza as múltiplas expressões infantis.

- **Brinquedos acessíveis**

Organizar, de forma acessível aos bebês e às crianças, na sala de referência, caixas, cestos, bandejas ou baldes transparentes contendo diversos brinquedos, blocos de montar e encaixar, garrafas sensoriais e materiais não estruturados, como potes plásticos, tampas, caixas, latas de diferentes tamanhos, colheres de pau, entre outros. Destacamos que a disponibilidade desses recursos favorece aos bebês e às crianças possibilidades de escolha, manipulação, exploração, curiosidade e o desenvolvimento da autonomia.

É fundamental que as caixas, cestos, bandejas, baldes, entre outros, sejam constantemente organizados, higienizados e reabastecidos com novos brinquedos e materiais, de modo a garantir a segurança, a variedade e a qualidade das experiências oferecidas aos bebês e às crianças. A substituição periódica dos objetos e materiais possibilita novas explorações e descobertas, além de estimular o interesse, a curiosidade e o envolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas nas atividades cotidianas.

Observações:

- Salientamos que, ao organizar cestos, caixas, bandejas, baldes, entre outros, na sala de referência, é fundamental observar a quantidade de brinquedos e materiais disponibilizados, garantindo um ambiente agradável, convidativo à exploração e assegurando que todos os recursos sejam acessíveis aos bebês e às crianças. Essa atenção contribui para evitar conflitos e manter o espaço organizado, seguro e livre de poluição visual ou desordem.
- Os materiais e brinquedos que não estão em condições de uso (quebrado, amassado, entre outros), devem ser descartados, evitando acidentes.
- Os materiais e brinquedos que estão em boas condições, porém, não estão sendo utilizados, devem ser armazenados em local adequado na unidade educacional.

- **Bandejas com copos e garrafas de água (Infantil 1, 2 e 3)**

Na sala de referência, é importante organizar um espaço acessível às crianças com uma bandeja contendo copos ou garrafas de água de uso individual. Essa disposição permite que as crianças atendam suas próprias necessidades, promovendo autonomia, responsabilidade e cuidado. Essa prática valoriza a capacidade das crianças de gerenciar pequenas ações do cotidiano, como saciar a sede, de forma segura e organizada.

6.2.4. Banheiros

Os banheiros devem conter apenas itens destinados a esse ambiente. Assim, orienta-se que não sejam utilizados como local de armazenamento de brinquedos, materiais de limpeza ou outros objetos.

Nos banheiros das salas de referência, de uso exclusivo da turma, os itens de higiene pessoal das crianças devem estar organizados em potes ou caixas plásticas, devidamente identificados de forma individual.

7. Uso de isopor e E.V.A.

Considerando nosso compromisso com a formação integral dos bebês e das crianças e com a construção de valores voltados à sustentabilidade e ao cuidado com o meio ambiente, orientamos para que o uso de isopor e E.V.A. seja evitado nas práticas pedagógicas e na ambientação dos espaços da unidade educacional.

Esse materiais, embora amplamente utilizados, são de difícil decomposição, permanecendo por muitos anos no meio ambiente. Além disso, o processo de produção e descarte do isopor e do E.V.A. contribui para a poluição do solo e da água, afetando diretamente os ecossistemas e a qualidade de vida das futuras gerações.

Em consonância com os princípios da educação ambiental e da responsabilidade coletiva, sugerimos a substituição desses materiais por alternativas mais sustentáveis, que possibilitem experiências significativas e promovam a consciência ecológica das crianças. Entre as opções, destacamos:

- Papéis diversos (cartolina, papel kraft, papelão, jornais, revistas, papéis coloridos, entre outros);
- Tecidos e retalhos, que podem ser reutilizados em colagens, fantasias e brincadeiras, entre outros;
- Sucatas limpas e seguras, como rolos de papel, cones, caixas, embalagens, entre outras.

Assim, ao adotarmos práticas mais conscientes, ensinamos pelo exemplo, mostrando aos bebês e às crianças que é possível cuidar do ambiente do qual fazemos parte por meio de atitudes simples no cotidiano, pautadas no respeito e na sustentabilidade.

8. Planejamento e organização das Estações de Experiências

As Estações de Experiências podem ser planejadas e implementadas nos espaços externos e internos da unidade educacional, com o objetivo de proporcionar aos bebês e às crianças oportunidades de exploração, manipulação, experimentação, interação e brincadeiras, favorecendo vivências significativas para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Ressaltamos que as Estações de Experiências não exigem ornamentações elaboradas nem o uso excessivo de materiais, pois mesmo na simplicidade, há ricas possibilidades de aprendizagem. O essencial é que os espaços sejam acolhedores, instigantes e esteticamente agradáveis, despertando a curiosidade, a iniciativa e o envolvimento dos bebês e das crianças nas experiências propostas.

As Estações podem ser planejadas de acordo com a Sequência Didática da semana, contemplando vivências relacionadas à temática desenvolvida. Também podem surgir a partir de situações do cotidiano da Educação Infantil, como manipulação de materiais e objetos diversos, pintura, modelagem, explorações sensoriais, entre outras experiências que fazem parte do contexto das práticas pedagógicas da Educação Infantil.

9. Uso da televisão

A televisão é um meio de comunicação e pode ser utilizada com intencionalidade pedagógica, porém, faz-se necessário um trabalho planejado e organizado do(a) professor(a) para fazer uso desse recurso.

Segundo Monteiro (2012, p.22), “a televisão é capaz de atrair tanto quanto de educar, positiva ou negativamente; cabe à escola, portanto, utilizar esse recurso para desenvolver práticas eficientes e aprimorar a qualidade da educação”.

Nessa perspectiva, a televisão não deve ser utilizada como forma de entretenimento para bebês e crianças enquanto o(a) professor(a) realiza outras atividades, nem para passar o tempo ou preencher períodos “vagos” na rotina. Esse tipo de uso configura-se como desprovido de intencionalidade pedagógica.

Vale ressaltar que, no contexto atual, as crianças estão constantemente expostas ao uso de telas. Assim, cabe à unidade educacional estabelecer limites claros para o tempo destinado a esse recurso audiovisual, garantindo que seu uso ocorra exclusivamente com intencionalidade pedagógica.

Portanto, a utilização da televisão deve ocorrer de maneira planejada, com o objetivo de apresentar aos bebês e às crianças novas realidades e experiências, contribuindo para a ampliação de seus conhecimentos.

10. Conduta dos profissionais da Educação Infantil

Nas unidades de Educação Infantil, é essencial adotar cuidados para reduzir o risco de transmissão de doenças e acidentes. Assim, todos os profissionais devem observar as seguintes orientações:

- Caso utilize jaleco, vesti-lo somente ao chegar ao interior da unidade educacional.
- Usar calçado exclusivo (meia antiderrapante, chinelo, entre outros) nas salas de referência das turmas de Berçário e Infantil 1, evitando o trajeto casa-instituição-casa. Caso seja necessário que outros profissionais entrem na sala, estes devem retirar os calçados.
- Evitar o uso de acessórios e adornos (como colares, pulseiras e brincos grandes) que possam causar acidentes com os bebês, crianças bem pequenas ou com os adultos.
- Manter as unhas limpas e aparadas, prevenindo acidentes com os bebês e crianças bem pequenas.
- Lavar as mãos várias vezes ao dia, especialmente: ao chegar à instituição; antes e após cada refeição; ao realizar trocas de fraldas ou auxiliar na higiene dos bebês e das crianças; ao limpar o nariz dos bebês/crianças e ao realizar a própria higiene.

Destacamos que o cumprimento dessas orientações contribui para a segurança, bem-estar e saúde dos bebês, crianças e profissionais, promovendo um ambiente educacional seguro e saudável.

11. Vigência e revogação

Esta Orientação entra em vigor a partir da data de sua publicação, dia 22 de janeiro de 2026.

Fica revogada a Orientação nº 017/2022, de 26 de outubro de 2022.

12. Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988>. Acesso em: 09 de set. de 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90#art-54>. Acesso em: 09 de set. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução N. 5/2009, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – CEB. Dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

DEHEINZELIN, Monique. et al. **Aprender com a criança:** experiência e conhecimento: Livro do Professor da Educação Infantil: Creche e Pré-escola: 0 a 5 anos e 11 meses. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil:** gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Deyse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

MELLO, Suely Amaral. Contribuições de Vigotsky para a Educação Infantil. In: MENDONÇA, Sueli Guadelupe de Lima; MILLER, Stela. (org.). **Vigotsky e a escola atual:** fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, S.P: Junqueira & Marin, 2006. p. 193-202.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Orientação para a Alimentação Escolar na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: PNAE: CECANE-SC, 2012.

MONTEIRO, Raimunda do Socorro Sousa dos Santos. **Proposta de utilização da televisão como recurso de aprendizagem na escola Estadual Professora Josefa Jucileide Amoras Colares.** 2012.69 fls. Projeto de pesquisa (Curso de Mídias na Educação) - Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Amapá. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9497884-Universidade-federal-do-apapa-raimunda-do-socorro-sousa-dos-santos-monterio.html>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

SOBEST. **Guia para um Desfralde Consciente.** 2021. Disponível em:
https://sobest.com.br/wp-content/uploads/2021/08/Guia_para_um_Desfralde_Consciente.pdf. Acesso em: 02 out. 2025.

SOUZA, Regina Aparecida Marque. MELLO, Suely Amaral. O desenvolvimento cultural na infânciade 0 a 3 anos: entre cuidado e a educação. In: SILVA, José Ricardo. et al (orgs). **Educação de bebês:** cuidar e educar para o desenvolvimento humano. 2ª Ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 207-243.

UMUARAMA. **Encaminhamentos Metodológicos de Interações e Brincadeiras do 1º e do 2º Semestre da Rede Municipal de Ensino de Umuarama/Pr.** Umuarama: Secretaria Municipal de Educação, 2025.

UNIMED. **Desfralde: quando é a hora certa?** Família em Foco: Gestantes e Bebês. Publicado em: 23 ago. 2019. Atualizado em: 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.unimed.coop.br/>. Acesso em: 02 out. 2025.

Umuarama-PR, 22 de janeiro de 2026.
Secretaria Municipal de Educação